

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

**Breve comentário dos capítulos a respeito de prevenir e remediar a indisciplina
presente no livro 'Como enfrentar a indisciplina na escola' de Silvia Parrat
Dayan a partir de minhas experiências docentes**

PORTO ALEGRE

2014/1

Hellena de Araújo Rodrigues

Breve comentário dos capítulos a respeito de prevenir e remediar a indisciplina presentes no livro 'Como enfrentar a indisciplina na escola' de Silvia Parrat Dayan a partir de minhas experiências docentes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: **Marcelo Magalhães Foohs**

PORTO ALEGRE

2014/1

DEDICATÓRIA

A todos os professores de escola pública do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, a Quem atribuo a minha existência. Sem Ele eu nada poderia fazer. Ao professor Marcelo Magalhães Foohs pela orientação atenciosa desse TCC.

Agradeço aos meus pais pelas orações, pelo carinho, apoio e esforço. Agradeço à colega Mirian do Nascimento Batista, pelo muito apoio que me deu e por ter me apresentado aos amigos, integrantes do Alfa e Omega da UFRGS e posteriormente aos da PUC, dos quais agradeço pelos divertidos e edificantes momentos. Agradeço às colegas Maíra Texeira e Bruna Saldanha pelas muitas risadas pelos corredores. Agradeço à Graciela Gomes Palacius pelos muitos sufocos acadêmicos que passamos juntas e por ter me apresentado ao meu amigo da Engenharia Ambiental Leonardo Rodrigues Guelso, que se tornou meu irmão do coração.

Agradeço à Karla Raymundo, Dinamara Prates e Fabi Machado por terem me ensinado sobre luta, garra e verdadeira beleza. Somo a isso o meu agradecimento a Eder José Müller por sua amizade e carinho. Jamais esquecerei a tropa e os cafés no IEPE.

Agradeço às componentes do PIBID: primeiramente às professoras Ingrid Sturm (obrigada pelos muitos livros emprestados) e à professora Jane Naujorks pelo seu bom humor e esforço. Aos queridíssimos colegas, foi um prazer estar em sala de aula com vocês: Marina Marostica Finatto, Nati Gasparini, Fernanda Feyh, Willian Tanaka, Maria Amália Cassol Lied, Fancy Borges, Paula Goulart, Lucia Sander e Nathália Guazina.

Agradeço aos mais que amigos (verdadeiros irmãos): Aliane Demezuc, Jonathan Zotti da Silva, Camila de Vasconcelos.

Agradeço a simpatia e amizade de: Joyce Maia, Juliana Graziola, Gilmar Luís Silva Junior, Tess Pinto e Melissa Osterlund.

"Um verdadeiro professor nunca sofre de solidão" (Rubem Alves- O desejo de ensinar e a arte de aprender)

RESUMO

O presente trabalho comenta as seções presentes no livro *Como enfrentar a indisciplina na escola* que são: 'Violência, indisciplina, televisão e linguagem' e 'Causas da indisciplina, escola e prática docente'. Verificou-se também as seções referentes a prevenir e remediar a indisciplina, assim como as propostas da autora em relação às soluções para a indisciplina com base em minhas experiências docentes.

RESUMEN

Este trabajo comenta las secciones que están en el libro *Como enfrentar a indisciplina na escola* que son: 'Violencia, indisciplina, televisión y lenguaje' y 'Las causas de la indisciplina, escuela y práctica docente'. Se ha verificado también las secciones que se refieren a prevenir y remediar la indisciplina, y las propuestas de la autora en relación a las soluciones para la indisciplina basado en mis experiencias de enseñanza.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	11
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
4. CAUSAS DA INDISCIPLINA	16
4.1 Fatores externos à escola	16
4.1.1 Televisão e mídia em geral	16
4.1.2 TV e consumismo	19
4.2 Fatores internos à escola	19
4.2.1 O professor	20
5 O PREVENIR E O REMEDIAR DA INDISCIPLINA	23
5.1 Prevenção	23
5.1.1 Mediação de um psicólogo	23
5.1.2 Projetos de estímulo à convivência	24
5.1.3 Promover a democracia	24
5.2 Mantendo a disciplina	26
5.2.1 Elaboração de regras e leis	26
5.2.2 Conselhos de classe	26
5.2.3 Escrita	26
5.2.4 Instituição de Tribunal	27
5.2.5 Discussão	27
6 MAS O QUE A ESCOLA ESTÁ OFERECENDO?	29
7 O QUE A ESCOLA DEVERIA OFERECER	32
7.1 Aula produtora de sentido	32
7.2 Perguntas certas	32
7.3 Bom uso da literatura para a humanização	33
7.4 Conteúdo próximo ao aluno	33
7.5 Buscar a naturalidade	34
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
9 REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A motivação para esse assunto veio de minhas experiências docentes em escolas públicas, mais precisamente de observar os alunos, suas declarações (“só venho à escola, porque sou obrigado”) e atos tão francos (resistência às vezes até física contra as tarefas da aula). Assim fiquei refletindo a respeito de como tudo está tão diferente da minha época e nem se passou tanto tempo, pois terminei o ensino médio em 2004. Naquele tempo já havia indisciplina, aparentemente a sociedade valorizava o professor, este ainda era uma figura considerada de respeito por grande parte dos pais e alunos, então sabíamos o momento de parar e até aceitávamos os castigos.

Nasci em 1987 e o regime ditatorial no Brasil teve fim em 1985, logo a minha geração teve pais que viveram no contexto rígido da ditadura militar, e podem ter assimilado inconscientemente a cultura autoritária. As formas de governo têm o poder de afetar nossa cultura modelando o viver da sociedade. Atualmente vivemos a presença da lógica do neo-liberalismo, influenciando a sociedade, mas a escola não acompanhou essas mudanças. As escolas mantêm uma estrutura curricular conservadora com os resquícios do militarismo, como por exemplo na metodologia das aulas e nas regras impostas.

Da mesma forma a evasão escolar alcançou altas taxas e o EJA, que visava atender pessoas mais velhas que estavam afastadas da escola há anos, agora recebe cada dia mais jovens de 15 a 17 anos que alegam não suportar a modalidade normal de ensino. A principal causa atribuída pelo senso comum à indisciplina é a pobreza. Infelizmente não é somente isso. A maneira como a aula é ministrada provoca tédio e represálias. Os alunos de hoje já não aceitam mais facilmente a maneira como as coisas estão. Os professores têm buscado alternativas para melhorar as aulas oferecidas. Se não fosse esse sinal de descontentamento dos alunos talvez tudo permanecesse como estava, com alunos continuando a completar seus estudos com a cabeça cheia de “decobas” que em nada contribuem para a sua formação humana.

Da mesma forma é muito comum ouvir dos alunos que eles querem logo trabalhar, uma vez que hoje a perspectiva de adquirir bens materiais aumentou muito com relação a anos anteriores. Assim, os alunos não precisam mais completar os seus estudos para alcançarem algum posto de trabalho que proporcione poder aquisitivo.

Nas escolas em que estive a serviço do PIBID ou ainda realizando estágio a situação financeira dos alunos era de classe média baixa, não havia nenhum caso de alguma criança que estava passando sérias dificuldades financeiras com sua família a ponto de passar fome e ter de abandonar os estudos. Logo no contexto econômico atual do país a indisciplina não pode resultar somente de fatores financeiros.

Neste TCC comentarei as propostas da autora Silvia Parrat Dayan, que é pesquisadora e colaboradora científica nos arquivos Jean Piaget, da universidade de Genebra (Suíça), para prevenir e remediar a indisciplina. A pesquisadora obteve a licenciatura em Psicologia na universidade de Buenos Aires (Argentina). Recebeu uma bolsa de estudos de pós-graduação da Confederação Suíça para fazer sua pós Graduação em três anos orientada por Jean Piaget na Universidade de Genebra. Doutorou-se em Psicologia Genética e Experimental na mesma instituição e foi colaboradora do Centro internacional de Epistemologia Genética por muitos anos. Foi professora da universidade de Genebra e professora suplente na Universidade de Nancy (França), professora visitante da universidade de São Paulo (USP), e é conferencista internacional.

Resumidamente, a autora propõe democratização e negociação para resolver os impasses em sala de aula, mas essas propostas necessitam contar com um grande interesse por parte do aluno em participar da escola. As propostas de Silvia Parrat Dayan teriam melhor êxito se fossem construídas sobre a base de aulas humanizadas e promotoras de habilidades, pois para negociar há necessidade de se ter algo que a outra pessoa deseje. Assim, a escola não tem oferecido conhecimentos e habilidades atraentes para o aluno.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa, principalmente, ao livro da Autora Silvia Parrat Dayan *Como enfrentar a indisciplina na escola*. Este livro foi escolhido por constar na biblioteca do PIBID. Estarão em destaque os fatores catalisadores da indisciplina focados pela autora externos ao colégio, que são TV e mídia em geral, e internos, que é a relação aluno-professor (a divisão entre internos e externos à escola não é da autora, foi feita para dar mais clareza a este trabalho). Haverá destaque, também, para as soluções propostas para prevenir e remediar a indisciplina segundo a visão da autora.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em Dayan, (2008, p.7), “Yves de la Taille diz, com razão, que se no começo do século passado era intrigante saber por que as crianças obedeciam, hoje seria mais adequado perguntar porque as crianças desobedecem”. A indisciplina é um assunto, infelizmente, muito popular, uma vez que tem sido noticiada com frequência alarmante nos meios de comunicação. Ela é a transgressão de regras tanto morais (que visam o bem comum) quanto convencionais (definidas por um grupo específico), normalmente as duas estão unidas. Para os fins desse trabalho, definiremos indisciplina como xingamentos, agressões verbais, brigas leves entre alunos e desrespeito à autoridade do professor, e às normas do colégio.

O conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina, que na linguagem corrente significa regra de conduta comum a uma coletividade para manter a boa ordem e, por extensão, a obediência à regra [...]. Assim, o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regras; e o de indisciplina, com a desobediência a essas regras (DAYAN, 2008. p. 18).

Precisamos afastar a associação errônea que se faz entre manter a disciplina e ser um ditador. Crianças não são avessas a regras tanto que em suas brincadeiras há muitas regras, quem não as cumpre sabe e aceita que tenha que perder o jogo. Submetem-se às regras porque estão interessadas em participar e, quem sabe, ganhar o jogo. Se os alunos tiverem interesse em participar da aula eles mesmos cobrarão uns dos outros o cumprimento das regras vigentes e, inclusive, concordarão com as punições, desde que participem da confecção das mesmas. Segundo Dayan (2008, p. 24) “uma estratégia em matéria de conduta não serve se o aluno não vê interesse ou pertinência no que a escola propõe. Pode-se impor a obediência, mas não a vontade de aprender”.

Um fato interessante a se notar é:

Na maioria das escolas há regras referentes a todos esses aspectos, mas não ocorre o consenso da própria comunidade escolar em relação a elas. Um bom exemplo é a proibição de fumar, mas o diretor, o professor e demais funcionários estão liberados. Parece muito injusto. Os alunos se queixam de que os próprios adultos quebram as regras (ABRAMOVAY et al. 2002, p. 33).

Soube, por meio dos relatos dos alunos, em escolas onde realizei estágios, que os professores costumam faltar sem avisar. Sabemos que há emergências, mas nos referimos aos que agem de má fé ao faltarem seguidamente. Os alunos relataram também que há professores que atendem o celular durante a aula, professores que

saem no meio da aula para buscar café, professores que contam sua vida íntima para os alunos e ainda há os que manifestam claramente sua predileção por algum aluno em detrimento do resto da turma. Isso é indisciplina da parte dos professores. Dessa forma se o professor não quer o aluno fazendo, ele não deve fazer também. A regra vale para todos. Professores e diretores costumam punir alunos com gritos e sermões, porém há um risco muito grande em agir dessa maneira, porque não raras vezes os tais sermões estão carregados de ofensas pessoais e podem fazer até menção desonrosa à família do aluno, provocando assim algum rancor e gerando revolta no aluno contra a instituição escolar. Por outro lado, um aluno ressentido pode ficar em silêncio, que não é indicativo de disciplina, mas pode indicar indiferença.

A indisciplina é muitas vezes relacionada somente às ações do aluno, pouco se discute sobre o mau comportamento dos professores. Lembro-me que quando cursava o terceiro ano do ensino médio, uma professora de Matemática que causava terror nos alunos com gritos e ameaças de nota foi afastada (lembro apenas que veio outra ocupar seu lugar). Possivelmente porque um aluno tinha contato com um político e este pode ter interferido nessa situação. Os alunos queriam algo, no caso, livrar-se da professora e para isso conseguiram até o apoio de um deputado. Quem quer algo se alia a quem pode ajudar a conseguir. Se os alunos quiserem algo do conhecimento que a escola pode proporcionar se unirão aos professores para obter.

Segundo Dayan (2008, p. 66): “O professor pode ameaçar com provas difíceis e notas baixas. O que faz o aluno? Manifesta indisciplina”. Infelizmente a aula em vez de ser local de troca de conhecimento acaba por se tornar um campo de guerra em que cada um ataca como pode para manter o outro sob controle. Essa situação é inaceitável, uma vez que a escola deve ser agradável, um local para se gostar de aprender e ser livre para esboçar criatividade.

Conforme Dayan (2008) “A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências”. Soa fora de moda falar sobre disciplina em pleno ano 2014, onde estamos livres de modelos e já se esperava um certo desenvolvimento humano da sociedade, porém a disciplina não tem apenas um sentido, sendo a esse atribuído um sentido negativo devido ao momento histórico de libertação de nossa sociedade. Disciplina também é a forma para alcançar algum objetivo. Assim, o problema é que os alunos não têm objetivos na escola, talvez o que

esperem de uma aula de Português é escrever e ler melhor. Mas ao ver a dificuldade em alcançar isto pela forma como a matéria é abordada, acabam perdendo as expectativas.

O aluno deveria chegar à escola, vindo de sua casa, com o conceito de disciplina já alinhavado, sabendo que para obter algo é preciso, às vezes, uma certa paciência, dedicação, planejamento e perseverança, principalmente, sabendo que todas as ações têm consequências. Sendo assim é preciso colocar limites às vontades, mas infelizmente: “Os pais não os impõem, a escola não os ensina, a sociedade não os exige” (DAYAN, 2008, p 9).

Dayan argumenta que “As crianças nem chegam a ter referências e, portanto, não sabem onde procurá-las” (2008, p 14). Vindos de lares destruídos onde muitas vezes nem conheceram o pai, e a mãe é forçada a trabalhar o dia todo para sustentar a família, infelizmente, as crianças não têm contato com uma identidade em que possam se espelhar. Chegando assim na escola, estão incontroláveis e sem objetivo algum.

Segundo Dayan,

[...] as regras podem ser criadas, negociadas e renegociadas, [...] dentro da aula o professor não deve ser o único a tomar decisões, mas ao contrário, deve consultar e debater com os alunos. Veremos como o debate, assim como outros dispositivos, é uma ferramenta que nos permite trabalhar o problema da disciplina (DAYAN, 2008, p. 69).

O professor não precisa ser tão autoritário ao tomar decisões a respeito dos rumos da turma que está conduzindo. Ele poderia desenvolver regras juntamente com os alunos. Entretanto, alguns jovens se sentem desconfortáveis ao terem que falar em público ou por escrito, ao pedirem que lhes digam o que gostam ou ainda uma sugestão de assunto para a aula. Esse comportamento pode ser indício de uma subjetividade ainda instável do aluno, que ‘não sabe quem é’ e ‘não sabe o quer’. Então como poderemos negociar regras que deverão ser cumpridas como disciplina se eles não tentam atingir um alvo? Cabe ao professor, compreender a subjetividade desse aluno e auxiliar na construção da sua identidade.

A aula não cativa o aluno. Pelo contrário esse reage até fisicamente contra “o ensino” que querem lhe despejar. Sendo assim, é necessário que o professor que está se formando tenha em mente que não pode repetir as práticas antigas de ensino. Dayan (2008, p. 106) comenta a respeito do texto de Piaget *Psicologia e Pedagogia* “a concepção tradicional do trabalho do professor supõe que ele apenas transmita

conhecimentos, sem poder tomar iniciativas nem realizar descobertas”. No entanto, na realidade atual de nossas escolas:

O educador não pode mais, simplesmente, transmitir o conhecimento; ele também deve saber o que fazer para ajudar as crianças na construção, por elas próprias de seus conhecimentos. Enfim, existe uma forte indicação para que o educador desenvolva atividades multidisciplinares e que trabalhe em equipe com seus alunos. Tudo isso traz uma redefinição do ofício do educador, que pode ser visto como uma nova profissão e que coloca um problema de identidade no educador (DAYAN, 2008, p. 107).

A recomendação aos professores é que em vez de apenas despejar conteúdo sobre os alunos, procurem orientá-los em suas pesquisas e construção de conhecimento, instigando-os a solucionar suas dúvidas, uma vez que são as dúvidas que movem o conhecimento. Isso serve também para a formação de professores, o professor recém-formado não pode sair da faculdade apenas com a certeza de saber o conteúdo a passar, mas tem que sair com a dúvida de como provocar questões geradoras de conhecimento em seus alunos.

A geração Y (nascidos após 1980) parece ser movida por desafios. A aula precisa ser cativante, e isso ocorre quando professores e alunos se engajam cada um no seu conjunto de desafios.

4. CAUSAS DA INDISCIPLINA

4.1 Fatores externos à escola

Os fatores mais comuns citados para a indisciplina são: ambiente familiar problemático, pobreza, desemprego, drogas, moradia inadequada entre outros do grupo dos externos ao colégio, com certeza esses fatores têm sua culpa, mas a escola também tem sua parcela de contribuição na desordem.

Enfim, a falta de referência numa sociedade individualista, a perda do sentido da regra e a perda do sentido da obrigação são fatores que podem explicar a indisciplina. Os meios de comunicação contribuem também para o aumento da indisciplina porque, permanentemente, põem em evidência pessoas ou instituições reconhecidas socialmente que não respeitam as regras. Por que respeitá-las? Por outro lado, devemos falar da ocupação dos cérebros infantis pelo mundo audiovisual e a competição da escola com a TV, internet, celulares. Os meios audiovisuais, que constituem o mundo do fácil, do imediato e do consumo, deixam a escola em segundo plano, já que ela exige esforço (DAYAN, 2008, p. 56).

4.1.1 Televisão e mídia em geral

Segundo Dayan (2008, p. 61), “Há diferentes estudos mostrando que a TV não gera, diretamente, a violência, mas coloca o sujeito na situação de insensibilidade perante a violência”. A televisão tem o poder de fazer com que nos acostumemos com as coisas e que as aceitemos como verdade. Segundo Dufour (2005, p. 121), “há a violência das imagens: em torno dos 11 anos, a criança ‘média’ terá visto cerca de 100.000 atos de violência na televisão e terá assistido a cerca de 12.000 assassinatos”. No local do meu estágio de ensino fundamental, meu colega e eu tínhamos o planejamento de trabalhar com os alunos os dramas de vida dos super-heróis. Para a nossa surpresa, os alunos da 6ª série ficaram muito surpresos com esse tema e demoraram muito para se soltar e falar a respeito. Primeiramente, até alegaram coisas do tipo: “não sou criança para falar de super-herói”. De tanto perguntarmos eles desabafaram com a seguinte declaração: “quase não tem mais desenhos para ver na TV”.

Em outra escola, trabalhei com uma turma de quinta série e fiquei impressionada com o excesso de ofensas entre os colegas. Nas brigas eles eram capazes de expressarem seus desprezos com fluência, mas na hora de escrever as tarefas propostas havia uma grande dificuldade. Com essa turma meu grupo do PIBID

trabalhou *O Mágico de Oz*, porém antes sondamos a turma a respeito do que gostavam de assistir e qual não foi a nossa surpresa em saber que um número considerável de alunos menores de 12 anos já havia assistido ao filme *A Órfã*, que é extremamente violento e esbanja maldades, crueldades e um pouco de sensualidade, e ainda por cima o consideravam seu filme preferido no momento. Esse tipo de situação choca professores. Felizmente, os alunos participaram com entusiasmo considerável do projeto com *O Mágico de Oz*, e assim, pudemos chamar a atenção deles para valores mais positivos como amizade, superação de problemas, coragem e inteligência. No fim do projeto os alunos se vestiram como os animais que eram os personagens principais de seus textos, produto final do projeto, e brincaram. Vimos com isso o renascimento da “criança”.

As crianças não têm mais recebido programação para a sua faixa etária, por isso estão amadurecendo a cabeça antes do corpo. Seria desejável que todos os professores de escola fizessem uso da literatura infanto-juvenil para que os alunos possam fruir de algo que tenham capacidade de “digerir” no momento.

Fica ainda uma questão: se uma criança menor de 12 anos está vendo um filme pesado como *A Órfã* onde está o adulto responsável para lhe proteger de algo inadequado?

Está aí um fato antropológico novo, cujo total alcance não se avaliou ainda: doravante os pequeninos frequentemente se encontram diante da tela antes mesmo de falar. Intuitivamente se compreende por quê: é o único instrumento que permite manter as crianças tranquilas sem se ocupar delas. (DUFOR, 2005, p. 120)

Os autores Dayan (2008) e Dufour (2005) comentam a respeito de família e televisão apresentam o ponto “instituir o sujeito falante”.

Com efeito, sabe-se quanto a transmissão de narrativas foi por todo o sempre um meio utilizado pela geração dos pais para a formação da geração seguinte. Transmitir uma narrativa é, com efeito, transmitir conteúdos, crenças, nomes próprios, genealogias, ritos, obrigações, saberes, relações sociais...mas é também e antes de tudo transmitir um dom de palavra. É fazer passar de uma geração à outra a aptidão humana para falar, de modo que o destinatário da narrativa possa, por sua vez, identificar-se como si e situar os outros a seu redor, antes dele e depois dele, a partir desse ponto. (DUFOR, 2005, p. 128)

A TV não fala com alguém em especial, ela fala com todos, assim não é possível identificar-se no tempo (agora), no espaço (aqui), como sujeito (eu) e nem se pode responder a televisão com palavras. Se o aluno não está acostumado a falar

com alguém como vai escrever? A questão autoral fica prejudicada e a figura do destinatário também:

Como, nessas condições, eles poderiam entrar no fio do discurso que na escola permite a um (o professor) formular proposições fundadas na razão (ou seja, um saber múltiplo acumulado pelas gerações anteriores e constantemente reatualizado) e a outro (o aluno) discuti-las tanto quanto precise? (DUFOUR, 2005, p. 135).

Pode vir daí a dificuldade de dar opiniões, pois o que o aluno está acostumado é ver (na TV) sem se manifestar a respeito. Quando o professor lhe pergunta o instituindo no discurso como “tu” o aluno fica mudo, por não ser seu hábito estar alocado no discurso nem como “tu” nem como “eu”:

O que Adrien Barrot, em seu notável pequeno livro, resume com um traço evidente: “Eles não escutam mais”, pode-se acrescentar, provavelmente é porque eles também não falam mais. Não no sentido em que teriam se tornado mudos, muito pelo contrário, mas no sentido em que doravante eles sentem a maior dificuldade em se integrar no fio de um discurso que distribui alternativamente e imperativamente cada um em seu lugar: aquele que fala e aquele que escuta (DUFOUR, 2005, p 134.).

Na realidade, os alunos falam entre si, tanto que a conversa paralela às explicações do professor pode ser bem prejudicial ao aproveitamento escolar. Os alunos falam do que lhes interessa. Assuntos como mitologia estão em alta devido aos livros da moda como *Percy Jackson O ladrão de raios*. Nas redes sociais da Internet os alunos leem e dão suas opiniões a respeito das suas séries de TV preferidas. Inclusive os adolescentes se expõem nessas redes sociais, apenas na sala de aula há vergonha de se expor e dar opiniões, talvez pelo medo de estarem errados. Se pode estar errado em qualquer lugar tranquilamente, menos em uma sala de aula, pois nela impera o fantasma da resposta certa formal que é aquela a ser dada objetivamente. Com isso perdemos em participação, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa onde impera o mito de que ninguém sabe Português.

As turmas de 5a e 6a séries com que tive contato na escola em que efetuei o estágio obrigatório 1, apresentavam um fato curioso que era: quando em meio à desordem geral uma das professoras do PIBID gritava pedindo por um comportamento melhor, os alunos ficavam com uma expressão de impressionados (com a atitude dela) e com expressão de dúvida pelo motivo do xingamento, dando-me a impressão que eles não tinham a menor noção do barulho que faziam e como de praxe passavam a culpa uns para os outros. Ninguém tinha noção de si e parecia que nunca antes na vida foram repreendidos tamanha era a surpresa em suas faces.

Realmente a impressão é de que ninguém fala com os alunos quando estão em casa e estes devem passar muito tempo em frente à TV: “Assim, esquece-se frequentemente de mencionar que o tempo a mais para a televisão é tempo a menos para a família” (DUFOUR, 2005, p. 123).

4.1.2 TV e consumismo

Como causa da indisciplina, entra também em jogo o poder sedutor do mercado consumidor:

As diferenças entre os valores da sociedade neoliberal e de consumo (a resolução imediata, o prazer, o zapping, a competição etc.) e os valores que a escola considera importantes (esforço, abnegação, prazer diferido etc.) implicam contradições que podem levar à indisciplina (DAYAN, 2008, p. 56).

No caso do Brasil as pessoas mais admiradas são os jogadores de futebol e as lindas mulheres da televisão, tanto que as coisas usadas pelas atrizes (esmaltes, brincos e roupas) têm procura assustadora pelas consumidoras. Vejo que os jovens apenas seguem a maré, dançam a melodia que a mídia fútil passa: “Em primeiríssimo lugar, a televisão, pelo lugar preponderante ocupado por uma publicidade onipresente e agressiva, constitui um verdadeiro adestramento precoce para o consumo e uma exortação à monocultura da mercadoria” (DUFOUR, 2005, p. 121).

A minha geração, que é uma anterior a essa, não tinha toda essa ambição do *ter*, o que nos distraía dos estudos eram as brincadeiras e os desenhos animados exibidos na TV, porém essas brincadeiras e esses desenhos também nos ensinavam alguma coisa. Assim, não é somente a escola que ensina. Lembro-me da TVE onde havia programas como *Castelo Rá-tim-bum* em que um gato fantoche que ficava na biblioteca do Castelo sempre lia um poema, graças a isso eu decorei em frente à TV o poema *Trem de ferro* (Manuel Bandeira).

4.2 Fatores internos à escola

Para a historiadora e filósofa M.T. Estrela, os atos de indisciplina podem ser agrupados em três categorias: o primeiro tipo de indisciplina caracteriza-se pela intenção de escapar do trabalho escolar considerado fastidioso, pífio, desinteressante ou muito difícil. Evitar o trabalho escolar é, para o aluno, a razão da indisciplina (DAYAN, 2008, p. 27).

Aulas com tarefas mecânicas contribuem muito para indisciplina. A primeira coisa a se fazer é deixar a rigidez das nomenclaturas facilmente decoradas pelo aluno que torna-se também mecânico no tocante a estudos para o resto da vida, em tudo o que for “estudar” tentará decorar. Muitos pais vão as escolas reclamar se seus filhos não têm tema de casa ou coisas escritas nos cadernos, porque essa foi a forma pela qual eles aprenderam. A metodologia da aula tem que estar a serviço da formação humana do aluno e do desenvolvimento de habilidades.

4.2.1 O professor

Os jovens que se preparam para tornar-se professores aprendem muito cedo a importância estratégica da disciplina, ainda que o tema seja pouco estudado na sua formação. Controlar a ordem na aula é uma das primeiras aptidões que o professor deve demonstrar, porque falhar nesse ponto acarreta mais problemas e conflitos que fracassar na própria aprendizagem dos seus alunos (DAYAN, 2008, p. 103).

Segundo Abramovay *et al.* (2002), a indisciplina “alvo de estudos desde a década de 50 nos EUA foi com o passar dos anos transformando-se em um problema social realmente preocupante”. Problema esse que tem até mesmo desanimado muitos a seguir na carreira de professor juntamente com outros fatores.

O Censo da Educação Superior aponta que o ensino universitário brasileiro vai bem – em 2012, as matrículas cresceram 4,4% e os ingressos, 17,1%. O Ministério da Educação (MEC) comemora ainda o aumento de procura pelos cursos de engenharia e os avanços no ensino tecnológico e a distância, também detectados pelo levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Um aspecto revelado no censo, no entanto, preocupa: a redução do crescimento ou estagnação em várias licenciaturas, especialmente naquelas que são cruciais para o desenvolvimento do país (APAGÃO, 2014).

Essa questão tão crucial para o professor não tem um espaço dedicado a si no currículo da licenciatura em Letras da UFRGS. A encontramos espalhada aos pedaços em cadeiras da FAGED. Isso indica uma tendência de pensar que somente fatores externos são responsáveis pela desordem. Mas vejo a proposta de ensino por aquisição de habilidades como forma de combate ao desconforto em sala de aula.

Certamente, o fato de ter que me atualizar com tão pouco espaço de tempo foi o que mais me impressionou nessas entradas em sala de aula. Não escondo que cheguei à faculdade pensando que seria professora como as minhas professoras foram: foco total na gramática. Mais do que isso, elas eram autoridades, eram a última palavra na questão da ordem na sala. Abusos resultavam em um documento chamado

“advertência”, emitidos na diretoria. Quem contasse com mais de três sofreria suspensão e uma advertência durante a semana dedicada às recuperações implicaria repetir de ano.

Segundo Dayan, “Se é verdade que o professor deixou de ser um modelo a ser seguido e a escola já não é garantia de ascensão social [...]” (2008, p.58). Particpei de um conselho de classe em uma escola, local de meu estágio de ensino médio, e testemunhei uma falta de respeito de uma aluna para com a professora. Na década passada, prestava-se respeito a alguém por essa pessoa saber mais ou por ela ser mais velha. Sabemos que o professor hoje não é mais a figura da fonte do saber plantada na frente do quadro, mas não é por isso que está ali igualado aos alunos disponível até para ser completamente reduzido a nada através de ofensas. Eu não lamento que o professor não seja mais o centro da aula, apenas me preocupo com o fato de os alunos não terem mais o menor respeito (inclusive chamando o professor de “tu” e isso é perda de um distanciamento saudável, até ser chamado de “tia” é melhor do que “tu”, pois tia é autoridade para a criança ao lado do pai e da mãe) e isso só pode ser por verem o professor como alguém que não tem nada a oferecer. Falta aos adolescentes reconhecer que são ainda seres em construção e precisam aprender com a experiência dos outros, então a falta do hábito de analisar exemplos também tem sua contribuição na indisciplina.

Em 1910, o pedagogo francês Roger Cousinet chamou a atenção para o fato de os alunos procurarem a desordem que caracteriza a indisciplina. Contrariar o professor torna-se o único objetivo identificável. Se o professor souber responder o incidente acaba, é um momento de distensão; caso contrário, a desordem se transforma numa indisciplina sem forma e que não acaba. Saber como responder a essa indisciplina exige do professor perspicácia, já que deve entender o sentido da conduta dos alunos. Por isso, deve ser sensível à vida da aula, conhecer a si mesmo e ter a flexibilidade suficiente que lhe permita modificar o que havia previsto como atividade. Essas qualidades dão autoridade ao professor e isso é o que as crianças procuram (DAYAN, 2008, p.103).

Cousinet (1910) diz que os alunos procuram a indisciplina tendo por objetivo contrariar o professor, mas ninguém contraria uma pessoa se não estiver sendo importunado por ela. Um professor não é só um depositador de conteúdo, é preciso ser uma pessoa aberta a mudanças e como Cousinet (1910) diz: “ter flexibilidade para mudar caso veja que os alunos estão recusando a aula ou ele mesmo”. O professor não se pode intitular professor sozinho, ele precisa que os alunos o reconheçam como tal. Os alunos das escolas são explícitos, ao se deparar com uma situação de

inflexibilidade por parte do professor, manifestam com indisciplina sua insatisfação com a aula. O interesse dos alunos escolares em aprender as matérias não é tão grande a ponto de se submeter a suportar um professor intolerante. Alunos buscam pessoas para admirar, pois muitas vezes em casa não há um adulto referencial. Quantos alunos de licenciatura não optaram por ela cativados por um professor que nunca esqueceram?

O educador não pode mais, simplesmente, transmitir o conhecimento; ele também deve saber o que fazer para ajudar as crianças na construção, por elas próprias, de seus conhecimentos. Enfim, existe uma forte indicação para que o educador desenvolva atividades multidisciplinares e que trabalhe em equipe com seus alunos. Tudo isso traz uma redefinição do ofício do educador, que pode ser visto como uma nova profissão e que coloca um problema de identidade do educador (DAYAN, 2008, p.107).

5 O PREVENIR E O REMEDIAR DA INDISCIPLINA

Tratarei agora dos capítulos presentes no livro de Sílvia Parrat Dayan, *Como Enfrentar a indisciplina na escola* (2008), que se propõe a instruir como se deve prevenir e intervir na indisciplina.

5.1 Prevenção

5.1.1 Mediação de um psicólogo

Segundo Dayan (2008, p. 80), “uma das maneiras de prevenir a indisciplina é com a participação de especialistas, psicólogos, por exemplo”. Para prevenir a indisciplina, segundo a autora, há necessidade primeiramente da participação de especialistas psicólogos. Certamente as escolas precisam de psicólogos tanto para alunos quanto para professores.

A profissão professor está na lista das mais estressantes. Um aluno xingado esquecerá com mais rapidez a afronta do que uma professora xingada ou ridicularizada pelos alunos. Isso porque crianças e adultos lidam de formas diferentes com conflitos. Se houver frequentes embates entre uma professora e uma mesma turma, o ambiente ficará insustentável.

Na escola onde realizei o estágio de ensino fundamental a professora titular me relatou que após seu processo de divórcio chegou para dar aula abatida e contou para os alunos o que havia se passado. Os alunos que eram da quinta série não agiram de maneira delicada ao desabafo da professora o que a deixou magoada e resultou em brigas com a turma.

Sendo assim é bem-vindo um mediador psicólogo que não só poderá ser útil para problemas criados dentro da escola como será também para os problemas que os alunos e os professores trazem consigo. Como o psicólogo desfruta da credibilidade da profissão. Dessa forma poderá ter acesso às questões mais profundas do aluno, possibilitando um diagnóstico preciso da revolta do aluno (aula, escola, professor, colegas ou problemas íntimos).

Pensando no curto espaço de tempo de um período escolar, normalmente uns 50 minutos, a tarefa de lidar com a indisciplina não deveria ficar toda para o professor.

O apoio de diretores, assistentes pedagógicos e psicólogos é fundamental, principalmente nos casos mais graves.

5.1.2 Projetos de estímulo à convivência

Um dia enquanto dava aula, em meu estágio de ensino fundamental, a avó de um aluno bateu na porta da sala de aula, pois queria saber a respeito do comportamento de seu neto e afirmou que havia prometido ao menino que ele ganharia um notebook se passasse de ano. Os demais alunos riram da visita inesperada da avó do colega. Se a avó manifestava interesse em ajudar a controlar o comportamento do menino em aula a diretora e a professora podiam ter conversado com ela orientando como agir. Sendo assim, há espaço para os pais, mas a eficácia dessa participação fica por conta do verdadeiro interesse dos pais em colaborar para que os alunos expressem respeito ao professor. Grande parte das escolas reserva um dia para conversa com os pais, pode ser na entrega dos boletins ou nos conselhos de classe:

Por isso, toda proposta de intervenção deve incluir ações de promoção da convivência. Nesse sentido, podem ser propostas diferentes ações. Por exemplo, a elaboração de normas escolares por meio da deliberação e da participação de todos, a inclusão no programa escolar de espaços de discussão e de análise da convivência, a inclusão de espaços de encontro e discussão de interesses da família e da escola, a inclusão de espaços de intercâmbio entre os alunos onde se realizem exposições da sua produção intelectual, desportiva ou estética (DAYAN, 2008, p. 81).

5.1.3 Promover a democracia

Em uma oficina do PIBID tínhamos como produto final a confecção de panfletos a respeito de acessibilidade para alunos com deficiência física, ao apresentar a proposta pudemos conversar com os alunos sobre como eles costumavam se organizar para exigir melhoras na escola, conhecemos o líder da turma e ouvimos suas reclamações sobre a diretoria da escola não dar voz aos alunos.

Um exercício democrático importante é a eleição de líderes em classe. A partir da 6ª série, todas as turmas têm o seu líder escolhido por votação. É por meio do líder que a opinião da turma vai ao conhecimento dos conselhos de classe, o que se constitui um importante treino para a vida adulta, mas o professor não deve dispensar a chance de orientar os alunos na resolução de um problema, pois é assim que se desenvolvem as habilidades sociais dos alunos. O professor pode observar o processo dos alunos em resolver algum problema e depois discutir com eles as etapas, concluindo junto com os alunos o que deveria ter sido feito de outra forma. Essa prática consolida valores democráticos que serão incorporados à vida do aluno.

É evidente que, quando o docente pode adotar uma atitude democrática, por exemplo, autorizando a comunicação na classe para resolver um problema determinado, os alunos conseguem estabelecer eles próprios a ordem necessária de trabalho. Não se trata de uma liberdade incondicional, mas sim da gestão do grupo para realizar uma tarefa em comum (DAYAN, 2008, p.81).

5.1.4 Trabalho livre por grupos

Segundo Dayan, no trabalho em grupo, “as crianças trabalham livremente, escolhendo os temas de estudo que lhes interessam e obedecendo, para tratá-los, as regras dadas. A escolha do tema e do material de trabalho é livre” (2008, p. 81-82). Certamente, uma das coisas que mais pode tornar uma aula agradável é a liberdade do aluno de pesquisar aquilo que mais lhe interessar. E o tamanho desse interesse é o que pode determinar a duração de um projeto.

Em uma oficina do PIBID o projeto era a confecção de uma revista que falaria de curiosidades modernas e positivas a respeito da África. O tempo para esse projeto era longo (em torno de 15 aulas) e assim o interesse dos alunos foi caindo com o passar do tempo. Foi preciso sentar e conversar a respeito dos novos rumos, pois os alunos enfrentavam dificuldades em suas pesquisas e dessa forma desanimavam.

5.2 Mantendo a disciplina

5.2.1 Elaboração de regras e leis

Conforme Dayan, “A elaboração de leis e regras não consiste na apresentação de um quadro já pronto, e sim numa obra em construção trabalhada e retrabalhada ao longo do ano” (2008, p. 87). As regras que são impostas aos alunos são mais propícias a serem burladas do que as que são construídas por eles. Regras só serão respeitadas quando habilitarem a ganhar algo, por isso não podem ser impostas, ou seja, simplesmente existirem sem que o aluno tenha interesse nelas. Por isso, o melhor passo em direção à disciplina em sala de aula deve ser a melhora da metodologia das mesmas.

5.2.2 Conselhos de classe

O conselho é a instância na qual uma turma explicita seus problemas e são estabelecidos os procedimentos e as regras. Trata-se de dar poder à palavra dos alunos. Se as regras já existem, é necessário interroga-las, questioná-las. A aula deve abrir um espaço em que se possa falar sem riscos (DAYAN, 2008, p. 87).

Assisti a um conselho de classe na escola onde realizei o estágio de ensino médio onde as notas dos alunos eram baixadas pelos professores devido a seus defeitos como discentes. Esses alunos não recebiam uma avaliação por escrito de seu comportamento para que pudessem tentar se auto avaliar e se retratar, assim eram punidos sem tomar conhecimento.

5.2.3 Escrita

Outra técnica é a utilização da escrita como remediação, como trabalho de distanciamento. Por exemplo, no caso de uma falta grave, o aluno culpado pode preencher uma ficha de reflexão, refletir sobre o que fez, as consequências de seus atos e sobre o que pode ter sentido a pessoa agredida ou ofendida. É um momento que permite avaliar os esforços que o aluno culpado está disposto a fazer para melhorar. A escrita é importante para estabelecer uma distância com os afetos e emoções. E isso é essencial para acender ao domínio de si próprio. Pode-se escrever cartas de pedido de desculpas e de reintegração, para dizer, por exemplo, que se quer continuar membro do grupo. Assim, vemos como o trabalho sobre a disciplina é um trabalho de responsabilização (DAYAN, 2008, p. 87).

Essa alternativa é no mínimo curiosa, porque associar a escrita a um castigo é uma péssima ideia. Seguindo as recomendações dos Referenciais Curriculares (2009) a escrita não pode se dar fora da maneira como existe na vida real. Em que local se preencheria uma ficha de reflexão? E qual seria o destino dela? Ser lida em voz alta para os colegas? Ser publicada em um jornal da escola? Aprender a se retratar por escrito tem sua validade, pois essa necessidade existe dentro de organizações, clubes e etc., mas desculpar-se e refletir são coisas distintas. O aluno seria obrigado a refletir? A autora parece contar que o aluno estará arrependido, mas isso pode não ocorrer. A reflexão pretendida poderia se dar através de uma conversa com um psicólogo e não por meio do preenchimento de uma ficha.

5.2.4 Instituição de Tribunal

No caso de um aluno difícil, pode-se instituir um tribunal para arbitrar e um verdadeiro código jurídico para que os alunos sejam considerados com seriedade e imparcialidade. O aluno com grande dificuldade deve ser objeto de uma consideração individualizada e de um acompanhamento personalizado. Nesses casos, pode-se propor um contrato no qual se explicita que não se aceita atitude do aluno e onde ele se compromete a mudar sua conduta. Para isso, estabelece-se um documento escrito e assinado pelo aluno e pelo professor (DAYAN, 2008, p.88).

A autora não explicita a idade para a implantação dessa proposta. Provavelmente nenhum aluno apreciará ser julgado pela turma toda, que com toda a certeza não terá dó do réu. O ponto positivo é que, se levado a sério pelo réu, ele aprenderá a seriedade de um documento assinado. Casos mais graves não serão julgados pela turma, mas tratados por um acompanhamento individual. Torna-se pouco prático para o professor, que no máximo deve ter dois períodos de 50 minutos que ocorram juntos durante a semana, disponibilizar esse tempo sem considerar o conteúdo prático, a menos que ele esteja guiando os alunos a habilidade de acusar e defender com base em lei.

5.2.5 Discussão

A discussão recebeu da autora uma ênfase diferente dos outros tópicos. Ela propôs como algo a ser ensinado por trazer consigo competências.

O principal é que o maior número de alunos participe. Essa seria uma proposta inicial que permitiria identificar os alunos que apresentam as

competências necessárias para um debate e aqueles que ainda têm que aprender. As competências que os alunos deveriam adquirir são as de saber se expressar, argumentar, compreender uns aos outros, dialogar, discutir, escutar os outros e respeitá-los (DAYAN, 2008, p.89).

A palavra discussão não combina com o almejado pela autora, pois discussão lembra briga e discussão é algo que alguém pode ganhar sem estar certo. O exemplo de tema significativo, dado pela autora, para os alunos discutirem seria tema de casa. Com períodos tão curtos (50 minutos) é difícil que algo não fique para ser terminado em casa e seria maravilhoso que o aluno procurasse em casa mais informações a respeito do assunto visto em aula.

Os alunos, ao invés de discutir se precisam fazer temas de casa, poderiam discutir sobre temas mais relevantes, como melhora nas aulas e nas dependências e instalações da escola, mais segurança, melhor iluminação e um bar que venda lanches com valor acessível ou que distribua merendas. Na escola em que realizei meu estágio de Ensino Médio, a coordenadora pedagógica relatou que a escola estava sem telefone há muito tempo. Assim dependiam dos créditos dos celulares dela ou da diretora para realizar ligações. As alunas me relataram que já tinham reclamado para a direção sobre a falta de papel higiênico nos banheiros e a direção por sua vez culpava os alunos pelo desperdício de papel higiênico. Algo assim é útil de ser discutido, pois um acordo resultaria em ganho para todos.

Os alunos deveriam ser capazes de formular o conceito de debate e identificar alguns dos seus componentes típicos: papel do moderador, importância dos argumentos, abertura e fechamento do debate, meios necessários para facilitar o diálogo e a escuta etc. (DAYAN, 2008, p.90).

Uma aula sobre debate pode ser construída juntamente com o professor de Filosofia, por exemplo, já que se estuda sobre o que os filósofos pensaram a respeito de como argumentar em debates. A palavra debate é utilizada no texto como sinônimo de discussão. Quem faz a troca da palavra discussão por debate ao longo do texto é a própria Silvia Parrat Dayan que aconselha transformar um problema individual (aluno mais desordeiro) em um problema coletivo na discussão (a turma discutir sobre isso). A autora nunca diz a que idade se aplicaria sua proposição e tenho dificuldades em visualizar uma faixa etária dentro do ensino normal (excluindo EJA) maduros para apontar falhas nos colegas. Ter suas ações julgadas em público antes de ter maturidade pode ser traumatizante para um aluno.

6 MAS O QUE A ESCOLA ESTÁ OFERECENDO?

Todas as propostas de Silvia Parrat Dayan contam com que o aluno esteja muito interessado no que a escola está oferecendo, mas isso não é o que vemos na prática. A evasão escolar continua crescendo. Os alunos preferem trabalhar logo e assim recorrerem a empregos como recepcionista, garçom, vendedor de loja, por exemplo, em que não há possibilidade de crescer na carreira. Muitos também recorrem às maneiras mais rápidas de concluir os estudos como EJA ou supletivos onde se tem a possibilidade de estudar em casa com os livros didáticos comprados. O fato é que a escola é mais repulsiva do que atrativa:

O que a escola tem oferecido é a extensa nomenclatura da gramática que só serve para ser decorada, isso pelos antigos alunos “herdeiros” da disciplina da época ditatorial que sentavam, e decoravam, e recitavam o decorado. Hoje os alunos protestam contra essa pedagogia com a indisciplina. No dia em que as escolas se dessem conta de que estão ensinando aos alunos o que eles já sabem, e que é em grande parte por isso que falta tempo para ensinar o que não sabem, poderia ocorrer uma verdadeira revolução (POSSENTI, p. 32).

A revolução virá do nascimento do interesse dos alunos pela escola. Hoje o interesse não existe. Perguntei por curiosidade para os meus alunos do estágio de ensino médio se eles frequentariam a escola se não fossem obrigados, e a resposta foi um sonoro não.

Para que o conhecimento constitua competência e seja mobilizado na compreensão de uma situação ou na solução de um problema, é preciso que sua aprendizagem esteja referida a fatos da vida do aluno, a seu mundo imediato (REFERENCIAIS CURRICULARES, 2009, p. 22). Ser competente é mobilizar conhecimento para a resolução de problemas do mundo imediato. Há mitos que sobrevivem hoje na mente da sociedade devido justamente à aquisição de competências não ser, na concepção das pessoas, vinculada ao que se pode obter dentro do que é oferecido aos alunos nas escolas. E os mitos são: “Fulano nasceu um gênio”, “Ciclano como é criativo”. Nos impressionamos com a capacidade de alguns como se esses fossem seres escolhidos pelos deuses para que os demais em comparação sejam meros reles mortais, quando muitas vezes a distância nem é tão discrepante, apenas não recebemos o estímulo correto ou ainda o que é a realidade na maioria dos casos: não houve na escola conhecimentos aplicáveis à realidade,

respeitada como ela realmente é e não fracionada em pedaços que parecem não ter ligação alguma, imediata.

A competência quando existe não é notada. Todos já ouviram alguém dizer: “eu não sei falar direito” ou ainda: “eu não sei falar bem Português”, sendo que o falante nativo domina sim a sua língua, apenas não é fluente na variedade elegida como ideal, por ser a da classe dominante. Porém chegando ao colégio o que acontece?

No livro “Por que (não) ensinar Gramática na escola”, de Sírio Possenti, há um capítulo chamado “Damos aula de que a quem?”.

Para que um projeto de ensino de língua seja bem sucedido, uma condição deve necessariamente ser preenchida, e com urgência: que haja uma concepção clara do que seja uma língua e do que seja uma criança na verdade, um ser humano, de maneira geral. (POSSENTI,1996, p. 21).

Estudar Português no colégio é algo muito vago, porque o que na verdade se estuda é a variedade da classe dominante dos falantes do Português. O possível equívoco já começa no nome do objeto estudado, mas se o nome fosse o verdadeiro já não serviria mais a dominação de classes. Porém o professor que não pretenda contribuir com a dominação deve escolher o que dentro dessa vastidão que a palavra Português, do currículo da escola, carrega consigo vai ensinar.

E o ser humano? Lógico, isso teria muitas respostas, mas na verdade, o que nos interessa é ensinar um ser humano respeitando ele como tal, tanto que precisamos entender que ele já sabe muitas coisas. Vendo o Português a ser ensinado no colégio como língua ao invés de gramática modificaria situação atual, porque quando o aluno vai para a escola ele já usa a língua falada para se comunicar.

Ter uma concepção clara sobre os processos de aprendizagem pode ditar o comportamento diário do professor de língua em sala de aula. Por exemplo, se ele dá aos alunos exercícios repetitivos (longas cópias, exercícios estruturais, preenchimentos de espaços vazios etc.), é porque está seguindo (saiba ou não- daí a importância de ter ideias claras!) uma concepção de aquisição de conhecimento segundo a qual não há diferenças significativas entre os homens e os animais em nenhum domínio de aprendizagem ou de comportamento (POSSENTI, 1996, p.24).

A aula que não leva o aluno a produzir sentido apenas o obriga a aceitar o sentido canonizado da realidade e assim não colabora para a construção da subjetividade do aluno. Quem não sabe o que é não quer nada, porque não sabe se vai querer continuar assim ou se quer melhorar. Não se pode negociar regras com quem não quer nada. Esse nada não significa “estudar para ganhar dinheiro quando

crianças crescer”, mas desejar obter conhecimento, cultura e conhecer seus direitos e deveres de cidadão. A finalidade de tudo não precisa ser dinheiro, a escola tem mais do que isso a oferecer, há prazer também em construir algo artístico, sem falar na fruição que vem da leitura, de teatros e filme que a escola pode apresentar às crianças que por vários motivos não tem contato com a cultura mais consagrada em sua casa. Se o aluno não tiver consciência de si mesmo como pessoa a ser construída a escola não fará sentido algum. “Todos os caminhos servem para quem não sabe para onde vai” (CARROL, 1998).

7 O QUE A ESCOLA DEVERIA OFERECER

7.1 Aula produtora de sentido

Para a historiadora e filósofa M.T. Estrela, os atos de indisciplina podem ser agrupados em três categorias: o primeiro tipo de indisciplina caracteriza-se pela intenção de escapar do trabalho escolar considerado fastidioso, pífio, desinteressante ou muito difícil. Evitar o trabalho escolar é, para o aluno, a razão da indisciplina (DAYAN, 2008, p27).

“O movimento de consciência vem de dentro para fora. Se não enfrentarmos o *dentro* não conseguiremos motivar o aluno para o *fora*” (ESPÍRITO SANTO, 2007, p. 52). A primeira coisa a se fazer é deixar a rigidez das nomenclaturas facilmente decoradas pelo aluno que torna-se também mecânico no tocante a estudos para o resto da vida, em tudo o que for “estudar” tentará decorar. Muitos pais vão às escolas reclamar se seus filhos não têm tema de casa ou coisas escritas nos cadernos, porque eles aprenderam assim.

7.2 Perguntas certas

Desde Sócrates passando por Paulo Freire, tudo o que lemos sobre educação praticamente passa a mesma mensagem: não se deve depositar sentidos domesticados da realidade sobre o aluno para que esse aceite passivamente, anote para decorar e responder exatamente igual nas provas. Temos que lançar questões para que o aluno assimile o sentido.

Há perguntas aparentemente tolas que são, exatamente, aquelas que levam o aluno a decorar o nome dos personagens e suas características psicológicas, perguntas sobre as características da escola literária, questões com a finalidade de somente usar a gramática do texto e perguntas que podem ser respondidas com a leitura de um resumo. Enfim, toda a pergunta que o professor fizer já sabendo a resposta ou pretendendo que o aluno diga a tal resposta canonizada não é adequada para ser feita em aula, pois é uma pergunta de realidade entregue pronta e consagrada. A pergunta construtiva não tem resposta pronta ou nem pode ser respondida imediatamente, ela é a base sobre a qual deve ser desenvolvido o planejamento de aula do professor. Se houver uma pergunta que possa ser respondida imediatamente encabeçando um projeto, não há motivos para um plano de aula extenso.

7.3 Bom uso da literatura para a humanização

Candido (2002) alega que o exame da estrutura trouxe avanços para o estudo da literatura, mas clama por uma visão mais íntegra da literatura que só chegará ao conciliarmos função e estrutura, “os estudos modernos de literatura se voltam mais para a estrutura do que para a função”. (CANDIDO, 2002, p.79). Comumente, vemos nos livros didáticos textos de vários gêneros sendo utilizados apenas como pretexto para a gramática, deixando de lado a função real do gênero.

Livros como Harry Potter, Senhor dos Anéis, Saga Crepúsculo e muitos outros comprovam que os jovens querem sim ler. Segundo Antonio Candido:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. (2002, p. 80)

Sendo assim, conta pontos contra o professor se a leitura aparecer só para fazer trabalhar. Os alunos procuram por fantasia. O jeito agradável de trabalhar a estrutura pode ser convidar a produzir sua própria fantasia escrita, esse seria o momento de chamar atenção, por exemplo, para os predicados irônicos de Machado de Assis ou para a criação de palavras novas por Guimarães Rosa.

7.4 Conteúdo próximo ao aluno

Possenti (1996) afirma que “o domínio de uma língua, repito, é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas” (p. 47). Contextualizar é uma das palavras chaves da pedagogia atual. “Quando o conteúdo de uma determinada área ou disciplina é em contexto, é quase inevitável a presença de outras áreas de conhecimento” (REFERENCIAIS CURRICULARES, 2009, p. 23). Hoje em dia, podemos contar com jornais que são distribuídos gratuitamente. Então por que não levá-los à sala de aula para que os alunos comecem o dia informados sobre o que se passa e ainda abram espaço para que comentem as notícias?

7.5 Buscar a naturalidade

Os Referenciais Curriculares (2009), Lições do Rio Grande, nos trazem boas medidas a serem adicionadas às práticas diárias para suavizar a quebra de naturalidade dentro da sala de aula como a tarefa de pré-leitura. Conversar com os alunos antes de lhes entregar um texto os motivará a lê-lo. Por exemplo, se os alunos voltam agitados do recreio e o professor lhes entrega um texto de tamanho grande a respeito de água, ou ainda algo mais dramático para o aluno: lhe pede sem preparo anterior uma redação de 30 linhas sobre o assunto água. Certamente os alunos “travarão” perante a folha em branco. Puxar um assunto como pré-leitura ou pré-escrita é uma pequena medida que pode fazer toda a diferença.

Os professores podem operar mudanças em suas práticas, há vasta literatura instrutiva nesse quesito. Não ignoraremos o fato de que os professores estão sobrecarregados (alguns trabalham em duas ou três escolas) e a pouca remuneração por parte do governo. Mas, se a esses fatores somarmos a indisciplina dos alunos, a tarefa de lecionar se torna mais árdua. A atualização dos profissionais é necessária, pois a sociedade muda. Modernizar a escola não é apenas ter muitos computadores, mas consiste na renovação do entendimento dos docentes.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Controlar a bagunça e pedir silêncio aos alunos consomem 20% das horas dos professores brasileiros em aula. O desperdício de tempo dos docentes no país é o maior em uma lista de 32 nações. A média internacional de perdas por indisciplina é de 13%.

Isso é o que mostra a pesquisa internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Talis) divulgada nesta quarta-feira,25, pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os dados do Brasil foram coletados em 2013 em 1.070 escolas, com quase 14,3 mil professores e cerca de 1,1 mil diretores.

Para resolver tarefas administrativas, os docentes brasileiros ainda gastam 12% das horas em sala. Isso significa que sobra apenas 68% do tempo dos professores para atividades de ensino e aprendizagem. Segundo o estudo, um em cada quatro professores do Brasil gasta ao menos 40% das horas em sala com tarefas que não são de ensino.

Mário Pereira, professor de Artes na rede pública de São Paulo há mais de vinte anos, confirma que a desordem atrasa o cronograma de conteúdos. "A saída é resolver pelo diálogo, o que nem sempre é fácil, relata. "Já interrompi aula porque uma aluna chutou a porta ao entrar".

A pesquisadora da Fundação Carlos Chagas Gabriela Moriconi, que participou do estudo, afirma que o apoio ao docente, em geral, é escasso. "As equipes escolares são pequenas. Faltam profissionais com quem o professor possa contar quando o problema de comportamento é grave. Isso acontece, por exemplo, no Canadá e na Inglaterra". (ESTADÃO, 2014)

As informações contidas nessa notícia corroboram com tudo o que foi dito nesse trabalho, inclusive que não é fácil resolver com diálogo. Há perda de tempo do pouco que já se tem e não há ajuda externa.

Fruto da junção de fatores externos (TV, consumismo, sociedade) e internos (professor e aula enfadonha) à escola, a indisciplina segue sendo o carrasco dos docentes. Já que essa é a "arma" dos discentes contra o professor que acaba simbolizando involuntariamente todo o sistema educacional defeituoso e uma estrutura arcaica que muitas vezes não faz sentido com a realidade dos alunos. Está na mão do professor brasileiro buscar uma saída, infelizmente é mais um trabalho a se juntar a muitos próprios da função. Porém, entendo que a atualização da metodologia das aulas é uma das partes fundamentais no combate à indisciplina.

Do livro de Silvia Parrat Dayan, selecionou-se os tópicos causadores de indisciplina e também suas sugestões para prevenir e remediar. Não há casos usados como exemplos da eficácia das propostas e não é citado nenhum local como exemplo de indisciplina. Há apenas mais uma obra da autora, além da analisada brevemente aqui, disponível para a aquisição, que é "Jean Piaget sobre a pedagogia". Acredito que a autora tenha mais obras, porém como não consegui encontrá-las. Não pude verificar se ela teve fases (nas obras), apenas pude saber que se mantém na área da pedagogia. Logo, seria realmente difícil encontrar referências a área da Letras – como

essa poderia combater a indisciplina – pois a metodologia pode provocar tédio e o tédio provoca a indisciplina e a evasão.

Seria importante que houvesse na UFRGS um grupo de pesquisa sobre indisciplina que pudesse contar com alunos das diversas licenciaturas para a verificação de como se dá a desordem na aula de cada matéria e quais seriam as contribuições para remediar a situação do ponto de vista de cada matéria, pois essas questões sempre ficam somente a cargo dos professores de humanas, os de Português mais especificamente. Quem sabe até o PIBID que agora conta com a modalidade interdisciplinar poderia ter um grupo que estudasse uma forma interdisciplinar de combate ao caos em sala de aula, assim se poderia testar as propostas de autores consagrados.

9 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian; AVANCINI, Marta; OLIVEIRA, Helena. *Violência nas escolas: O bê-a-ba da intolerância e da discriminação*. UNESCO, 2002.

APAGÃO Docente. *Educação eu apoio*. Disponível em: <<http://educacaoeuapoio.com.br/>>. Acesso em: 1 mar. 2014.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, São Paulo, n. 9, v. 24, p. 77-92, set. 1972.

CARROL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

DUFOUR ROBERT, Dany. *A arte de reduzir cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ESPIRITO SANTO, Ruy Cezar do. *Pedagogia da transgressão: um caminho para o autoconhecimento*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

ESTADÃO. *O Brasil é o país onde em que o professor mais perde tempo com a bagunça em sala de aula: uma a cada cinco horas dos docentes em classe é desperdiçada com indisciplina; o levantamento foi divulgado pelo OCDE*. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-pais-em-que-professor-mais-perde-tempo-com-bagunca-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 9 de julho. 2014.

PARRAT DAYAN, Silvia. *Como enfrentar a indisciplina na escola*. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio; *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

REFERENCIAIS CURRICULARES. Lições do Rio Grande. Referencial Curricular para as escolas estaduais. In: *Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagem e suas tecnologias*. Porto Alegre: SE/DP, 2009.